

FICHA TÉCNICA

Título original: *All the Light We Cannot See*

Autor: *Anthony Doerr*

Copyright © 2014 Anthony Doerr

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Manuel Alberto Vieira*

Imagem da capa: *Manuel Clauzier*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 391 238/15

1.ª edição, Lisboa, maio, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Em agosto de 1944, a histórica cidade muralhada de Saint-Malo, a mais resplandecente joia da Costa Esmeralda da Bretanha, em França, foi quase totalmente destruída por bombardeamentos... Dos 865 edifícios no interior da muralha, apenas 182 permaneceram de pé e, em graus variáveis, todos sofreram danos.

Philip Beck

Não nos teria sido possível assumir o poder ou usá-lo da maneira como o fizemos sem a rádio.

Joseph Goebbels

OS PANFLETOS

Ao anoitecer chovem do céu. Esvoaçam sobre as muralhas, descrevem círculos por cima dos telhados, flutuam pelas ravinas por entre as casas. Redemoinham em toda a extensão das ruas, dardejando de branco as pedras da calçada. *Mensagem urgente para os habitantes desta cidade, dizem. Dirijam-se de imediato para terreno aberto.*

A maré avança. A Lua surge pequena e amarela e gibosa. Nos telhados dos hotéis junto à costa para leste, e nos jardins atrás deles, meia dúzia de unidades da artilharia americana enfiam projéteis incendiários nas bocas dos morteiros.

OS BOMBARDEIROS

Atravessam o Canal à meia-noite. São doze e têm nomes de canções: *Stardust* e *Stormy Weather* e *In the Mood* e *Pistol-Packin'Mama*. O mar desliza em baixo, ao longe, salpicado de incontáveis cristas espumosas que se desenham em V. Os navegadores não tardam a distinguir as lombas de ilhas iluminadas pela Lua baixa, alinhadas no horizonte.

França.

Os intercomunicadores crepitam. Num movimento deliberado, quase preguiçoso, os bombardeiros perdem altitude. Clarões de luz vermelha elevam-se das baterias antiaéreas distribuídas pela costa. Assomam navios escuros e inutilizados, de rombos abertos no casco ou destruídos, um com a proa arrancada, um outro a tremeluzir em chamas. Numa das ilhas mais afastadas, ovelhas tomadas de pânico correm em ziguezague por entre as rochas.

No interior de cada avião, um artilheiro espreita por uma janela de mira e conta até vinte. Quatro cinco seis sete. Para os artilheiros, a cidade fortificada na sua península de granito, cada vez mais próxima, é como um dente podre, algo negro e perigoso, um derradeiro abcesso que deverá ser lancetado.

A RAPARIGA

Num recanto da cidade, no sexto e último piso de um prédio alto e estreito no n.º 4 da Rue Vauborel, uma rapariga invisual de dezasseis anos chamada Marie-Laure LeBlanc inclina-se, ajoelhada, sobre uma mesa baixa inteiramente ocupada por uma maqueta. A maqueta é uma miniatura da cidade na qual tem os joelhos pousados, e contém reproduções à escala das centenas de casas e lojas e hotéis confinados à muralha que os delimita. Há a catedral com o seu pináculo perfurado, e o avultado e antigo Château de Saint-Malo, e renques atrás de renques de mansões fronteadas pelo mar, guarnecidas com chaminés. Um estreito pontão de madeira estende-se em arco desde uma praia chamada Plage du Môle; um delicado átrio retiforme eleva-se em abóbada sobre o mercado de marisco; bancos mínimos, os mais pequenos dos quais de dimensão não superior à pevide de uma maçã, salpicam as minúsculas praças.

Marie-Laure desliza o dedo ao longo do parapeito de um centímetro de largo que encima a muralha, desenhando o contorno de uma estrela irregular em redor de toda a maqueta. Descobre a abertura no cimo da muralha onde quatro canhões cerimoniais apontam para o mar. — Bastion de la Hollande — murmura, e os dedos descem uma pequena escadaria. — Rue des Cordiers. Rue Jacques Cartier.

A um canto do quarto encontram-se dois baldes de ferro galvanizado cheios de água até à borda. Enche-os sempre que tiveres oportunidade, instruiu-a o tio-avô. A banheira no terceiro piso também. Nunca se sabe quando voltará a faltar a água.

Os dedos regressam ao pináculo da catedral. Seguem depois para sul, em direção à Porte de Dinan. Tem estado toda a noite a percorrer a maqueta com os dedos, à espera do tio-avô Étienne, o proprietário desta casa, que se ausentou na noite anterior enquanto ela dormia e

que ainda não regressou. E agora é outra vez noite, mais uma rotação do relógio, e todo o quarteirão está silente e ela não consegue dormir.

Ouve os bombardeiros a cinco quilómetros. Como estática crescente. O murmúrio dentro de uma concha.

Quando abre a janela do quarto, o ruído dos aviões intensifica-se. À parte isso, na noite impera um silêncio sepulcral: nenhum motor, nenhuma voz, nenhum bulício. Nenhuma sirene. Nenhum ruído de solas contra as pedras das calçadas. Nem mesmo gaivotas. Apenas uma maré alta, a um quarteirão de distância e seis pisos abaixo, a embater na base da muralha da cidade.

E algo mais.

Algo que rumoreja suavemente, muito perto. Abre a portada da esquerda num gesto delicado e desliza, em movimento ascendente, os dedos pelas ripas da da direita. Uma folha de papel está ali presa.

Aproxima-a do nariz. Cheira a tinta fresca. A gasolina, talvez. O papel estaleja; não está lá fora há muito tempo.

Marie-Laure hesita à janela com os pés descalços, o quarto atrás de si, conchas dispostas lado a lado por cima do roupeiro, seixos paralelos ao rodapé. A bengala está encostada ao canto; o volumoso romance em braille espera-a voltado ao contrário sobre a cama. O zumbido dos aviões agiganta-se.

O RAPAZ

Cinco ruas a norte, um soldado raso alemão de dezoito anos e cabelos brancos chamado Werner Pfennig desperta ao som de um ligeiro zumbido *staccato*. Pouco mais que um ronronar. Moscas a percutir levemente no vidro de uma janela longínqua.

Onde está ele? O cheiro doce e ligeiramente químico a lubrificante de armas de fogo; a madeira em bruto de caixas de projéteis recém-construídas; o odor a naftalina de colchas velhas — está no hotel. Claro. L'Hôtel des Abeilles, o Hotel das Abelhas.

Ainda é noite. Ainda é cedo.

Ouvem-se silvos e estrondos vindos do mar; projéteis antiaéreos são disparados.

Um cabo da artilharia antiaérea atravessa o corredor em passo estugado, rumo à caixa de escada. — Para a cave — chama, olhando por sobre o ombro, e Werner acende a lanterna de campanha, enrola o cobertor e enfia-o na mochila cilíndrica e apressa-se pelo corredor fora.

Há não muito tempo, o Hotel das Abelhas era um lugar aprazível, com portadas azul-vivas na fachada e ostras conservadas em gelo no bar-restaurante e empregados de mesa bretões de laço ao pescoço polindo copos atrás do balcão. Vinte e um quartos, uma vista privilegiada para o mar e, no átrio, uma lareira da dimensão de um camião. No descanso de fim de semana, os parisienses tinham por hábito beber aperitivos aqui, e, antes deles, emissários ocasionais da república — ministros e vice-ministros e abades e almirantes —, e, nos séculos que os precederam, corsários de pele queimada pelo vento: assassinos, saqueadores, bandidos, marujos.

Antes disso, antes sequer de ser um hotel, há cinco séculos inteiros, era o domicílio de um abastado capitão de um navio corsário que desistira de assaltar embarcações para se dedicar ao estudo das abelhas nos

terrenos de pasto nas cercanias de Saint-Malo, escrevinhando em blocos de notas e comendo mel diretamente dos favos. Os escudos de armas por cima dos lintéis das portas ainda ostentam abelhões entalhados no carvalho; no pátio, a fonte coberta de hera tem a forma de uma colmeia. O que Werner mais aprecia são os cinco frescos esmaecidos nos tetos dos mais imponentes quartos do hotel, no último piso, onde abelhas grandes como crianças pairam sobre fundos em tons de azul, enormes e preguiçosos zangões e obreiras de asas diáfanas — onde, por cima de uma banheira hexagonal, uma única abelha-mestra de três metros, com múltiplos ocelos e um abdómen de pelagem dourada, se desenha em voo espiralado ao longo do teto.

Nas últimas quatro semanas, o hotel transformou-se em algo diferente: uma fortaleza. Um destacamento da unidade antiaérea austríaca entaipou todas as janelas, virou todas as camas. Reforçou a entrada, atravancou as caixas de escada com caixas de obuses. O quarto piso do hotel, onde as salas-jardins com varandins abrem diretamente para a muralha, tornou-se poiso para uma envelhecida peça de artilharia antiaérea de alta velocidade chamada 88 que tem a capacidade de disparar projéteis de dez quilogramas a uma distância de quinze quilômetros.

Sua Majestade, é assim que os austríacos se referem ao seu canhão, e, ao longo da última semana, estes homens ocuparam-se dele do mesmo modo que as obreiras se ocupariam de uma rainha. Olearam-no, repintaram-lhe o cano, lubrificaram-lhe as rodas; rodaram-no de sacos de areia como se de oferendas se tratasse.

O régio *acht acht*, um monarca mortífero destinado a protegê-los a todos.

Werner está nas escadas, a meio caminho do piso térreo, quando o 88 faz dois disparos em rápida sucessão. É a primeira vez que ouve o canhão tão de perto, e parece-lhe que a metade superior do hotel foi arrancada. Tropeça e lança os braços de encontro aos ouvidos. O estrépito repercute-se nas paredes até aos alicerces do edifício, subindo em seguida.

Werner consegue ouvir os movimentos apressados dos austríacos dois pisos acima, o ruído do canhão a ser recarregado e os gritos de ambos os projéteis a diminuir de intensidade enquanto cruzam o oceano, já a cinco ou seis quilômetros de distância. Um dos soldados, apercebe-se, está a cantar. Ou talvez seja mais do que um. Talvez todos estejam a cantar. Oito homens da Luftwaffe, cujas vidas estão em rápida contagem decrescente, a cantarem uma canção de amor à sua rainha.

Werner persegue o feixe da sua lanterna de campanha através do átrio. A enorme peça de artilharia estrondeia uma terceira vez e vidros estilhaçam algures ali perto e torrentes de fuligem matraqueiam

pela chaminé abaixo e as paredes do hotel ressoam como o dobrar de um sino. Werner receia que o som lhe arranque os dentes das gengivas.

Empurra a custo a porta da cave e estaca por instantes, de olhos marejados. — Chegou a hora? — pergunta. — Eles vêm aí?

Mas quem lá está para responder?

SAINT-MALO

Ao longo das ruelas, os últimos habitantes que ainda não evacuaram a cidade despertam, gemem, suspiram. Solteironas, prostitutas, homens acima dos sessenta. Procrastinadores, colaboradores, descrentes, ébrios. Freiras de todas as ordens. Os pobres. Os teimosos. Os cegos.

Alguns apressam-se a procurar refúgio em abrigos antiaéreos. Alguns dizem a si mesmos que tudo não passa de uma simulação. Alguns demoram-se na recolha de um cobertor ou de um livro de orações ou de um baralho de cartas.

O Dia D foi há dois meses. Cherburgo foi desocupada, Caen foi libertada, Rennes também. Metade da França Ocidental está livre. No Leste, os soviéticos reocuparam Minsk; o Exército Polaco do Interior insurge-se em Varsóvia; alguns jornais tiveram o arrojo bastante de sugerir que os ventos da fortuna sopram agora na direção inversa.

Mas não aqui. Não nesta cidadela na orla do continente, neste território onde os alemães ocupam a sua derradeira posição altamente fortificada na costa da Bretanha.

Aqui, surdinam as pessoas, os alemães renovaram dois quilómetros de corredores subterrâneos sob as muralhas medievais; construíram novas defesas, novas ligações, novas rotas de fuga, complexos subterreos de uma sofisticação desconcertante. Por baixo do forte peninsular de La Cité, do outro lado do rio da velha cidade, há compartimentos para ligaduras, compartimentos para munições, inclusive um hospital subterrâneo, ou pelo menos assim se crê. Há ar condicionado, um depósito de água de duzentos mil litros, uma linha direta para Berlim. Há armadilhas com lança-chamas, uma rede de casamatas equipadas com periscópios; armazenaram material bélico suficiente para aspergir o mar de obuses todo o dia, todos os dias, todo o ano.

Aqui, murmuram, há mil alemães dispostos a morrer. Ou cinco mil. Talvez mais.

Saint-Malo: Água rodeia a cidade dos quatro lados. A sua ligação ao resto da França é ténue: uma passagem sobre o mar, uma ponte, uma língua de areia. Somos de Saint-Malo em primeiro lugar, dizem os habitantes da cidade. Bretões a seguir. Franceses se mais houver a dizer.

À luz de tempestade, o seu granito emite um brilho azul. Nas marés mais altas, o mar infiltra-se nas caves do centro da cidade. Nas marés mais baixas, as costelas pejadas de cracas de mil navios naufragados assomam da água.

Ao longo de três mil anos, este pequeno promontório conheceu cercos. Mas nunca como este.

Uma avó ergue uma criança rezingona de encontro ao peito. Um bêbado, a urinar num beco na zona limítrofe de Saint-Servan, a dois quilómetros dali, retira uma folha de papel caída numa sebe. *Mensagem urgente para os habitantes desta cidade, diz. Dirijam-se de imediato para terreno aberto.*

Baterias antiaéreas chispam nas ilhas mais afastadas e os enormes canhões alemães no interior da velha cidade disparam mais uma descarga de projéteis que uivam por sobre o mar, e trezentos e oitenta franceses presos num forte numa ilha chamado National, a um quarto de milha da praia, olham atentamente para cima, comprimidos num pátio iluminado pela Lua.

Quatro anos de ocupação, e o rugido da aproximação de bombardeiros é o rugido de quê? Da salvação? Do extermínio?

Os estalidos de armas portáteis. O áspero rufar de tambor da artilharia antiaérea. Uma dúzia de pombos empoleirados no pináculo da catedral desce em catarata toda a sua extensão e descreve uma curva em direção ao mar.

N.º 4 DA RUE VAUBOREL

Marie-Laure LeBlanc está sozinha no quarto a cheirar um panfleto que não tem como ler. Sirenes lamuriam. Fecha as portadas e corre o ferrolho para trancar a janela. A cada segundo os aviões estão mais próximos; cada segundo é um segundo perdido. Deveria estar a correr escadas abaixo. Deveria estar a dirigir-se para o canto da cozinha onde um pequeno alçapão abre para uma cave cheia de pó e tapetes roídos por ratazanas e baús antigos há muito por abrir.

Em vez disso, volta para junto da mesa aos pés da cama e ajoelha-se ao lado da maqueta da cidade.

Uma vez mais, os dedos encontram a muralha, o Bastion de la Hollande, a pequena escadaria que desce para a rua. Nesta janela, aqui mesmo, na cidade real, uma mulher sacode os tapetes todos os domingos. Desta janela aqui, uma ocasião um rapaz gritou-lhe: *Vê por onde andas. És cega?*

As janelas abanam nos caixilhos. Os canhões antiaéreos libertam mais uma rajada. A Terra roda um tudo-nada mais.

Sob as pontas dos dedos, a miniatura da Rue d'Estrées interceta-se com a miniatura da Rue Vauborel. Os dedos viram à direita; roçam nas portas. Um dois três. Quatro. Quantas vezes fez ela isto?

N.º 4: uma gávea altaneira e degradada encimando a casa que é pertença do seu tio-avô Étienne. Onde vive há quatro anos. Onde se ajoelha no sexto piso sozinha enquanto uma dúzia de bombardeiros americanos ruge em direção a si.

Pressiona a minúscula porta principal e uma lingueta escondida solta-se e a casinha é levantada e retirada da maqueta. Nas suas mãos, não será maior do que um dos maços de cigarros do pai.

Agora os bombardeiros estão de tal maneira próximos que o chão começa a vibrar-lhe sob os joelhos. Lá fora, no corredor, os pingentes de cristal do lustre suspenso sobre a caixa de escada tilintam. Marie-Laure

torce a chaminé da casa em miniatura num ângulo de noventa graus. Depois faz deslizar os três painéis de madeira que formam o telhado e vira a casa ao contrário.

Uma pedra cai-lhe na palma da mão.

É fria. Do tamanho de um ovo de pomba. Tem a forma de uma lágrima.

Marie-Laure agarra a minúscula casa numa mão e a pedra na outra. O quarto como que perde a solidez, torna-se frágil. Pontas de dedos gigantesas parecem prestes a trespassar as paredes.

— *Papa?* — sussurra.

A CAVE

Por baixo do átrio do Hotel das Abelhas, a cave de um corsário foi esfuracada no substrato rochoso. Atrás de caixas e estantes e painéis de ferramentas, as paredes são de granito nu. Três robustas vigas talladas pela mão do homem, trazidas para aqui de uma qualquer floresta antiga da Bretanha e erguidas há séculos por parelhas de cavalos, sustentam o teto.

Uma única lâmpada projeta em todo o espaço sombras vacilantes.

Werner Pfennig senta-se numa cadeira articulada defronte da bancada de trabalho, verifica o nível da bateria e coloca uns auscultadores. O rádio é um emissor-recetor com uma antena de 1,6 metros num invólucro de aço. Permite-lhe comunicar com um aparelho emissor-recetor idêntico lá em cima, com duas outras baterias antiaéreas no interior da muralha da cidade e com a guarnição subterrânea na desembocadura do rio.

O emissor-recetor zumbe enquanto aquece. Um observador transmite as coordenadas e um artilheiro repete-as em confirmação. Werner esfrega os olhos. Atrás de si, tesouros confiscados acumulam-se até ao teto: tapeçarias enroladas, relógios de parede, roupeiros e enormes pinturas de paisagens fissuradas. Numa prateleira à sua frente repousam oito a nove cabeças de gesso, cujo propósito não é capaz de adivinhar.

O encorpado primeiro-sargento Frank Volkheimer desce as estreitas escadas de madeira e inclina a cabeça sob as vigas. Dirige um sorriso discreto a Werner e ocupa um cadeirão de costas altas, forrado a seda dourada, com a espingarda pousada de través nas desmesuradas coxas, onde parece pouco mais do que um bastão.

Werner diz: — Está a começar?

Volkheimer faz que sim com a cabeça. Desliga a lanterna de campanha e abre e fecha em movimentos rápidos as estranhamente delicadas pestanas à luz escassa.

— Quanto tempo irá durar?

— Não muito. Aqui em baixo estaremos em segurança.

O soldado de engenharia Bernd é o último a aparecer. É um homem baixo de cabelo castanho-claro e pupilas desalinhas. Fecha a porta da cave atrás de si e barra-a com uma trave e senta-se a meio da escadaria de madeira com uma expressão fleumática no rosto: medo ou resolução, é difícil dizer.

Com a porta fechada, o som das sirenes amansa. Por cima deles, a lâmpada no teto tremula.

Água, pensa Werner. Esqueci-me da água.

Uma segunda bateria antiaérea dispara de um recanto distante da cidade, após o que o 88 lá em cima torna a investir, estentóreo, letal, e Werner ouve o projétil gritar em direção ao oceano. Cascatas de pó caem, sibilantes, do teto. Através dos auscultadores, Werner consegue ouvir os austríacos ainda a cantar lá em cima.

... auf d'Wulda, auf d'Wulda, da scheidt d'Sunn a so gulda...

Volkheimer põe-se a raspar em gestos sonolentos uma nódoa nas calças. Bernd sopra para dentro das mãos em concha. O emissor-recetor crepita com a velocidade do vento, a pressão atmosférica, as trajetórias. A mente de Werner regressa a casa: Frau Elena inclinada sobre os sapatinhos dele, dando um duplo nó em cada atacador. Estrelas deslocando-se em volteios numa claraboia. A sua irmã mais nova, Jutta, com uma colcha em redor dos ombros e um auricular de rádio pendendo-lhe do ouvido esquerdo.

Quatro pisos acima, os austríacos enfiam mais um projétil na culatra fumegante do 88 e tornam a verificar a pontaria e tapam os ouvidos quando o canhão dispara, mas aqui em baixo Werner ouve apenas as vozes do rádio da sua infância. *A deusa da História olhou para baixo, na direção da Terra. Só através do mais quente fogo se pode alcançar a purificação.* Vê uma floresta de girassóis moribundos. Vê um bando de melros explodir de uma árvore.

LARGAR BOMBAS

Dezassete dezoito dezanove vinte. Agora o mar desfila veloz sob as janelas de mira. Agora os telhados. Dois aviões mais pequenos traçam a fumo as linhas do corredor e o bombardeiro à cabeça larga a carga explosiva e onze outros repetem-lhe o procedimento. As bombas caem diagonalmente; os bombardeiros sobem e ganham velocidade.

A parte inferior do céu fica prenhe de manchas negras. O tio-avô de Marie-Laure, trancado com várias centenas de outros homens no interior dos portões do Fort National, um quarto de milha ao largo da costa, atenta no céu de olhos semicerrados e pensa: *Gafanhotos*, e um provérbio do Antigo Testamento regressa-lhe à mente, resgatado de um qualquer momento nebuloso na escola paroquial: *Os gafanhotos não têm rei; e contudo todos saem, e em bandos se repartem.*

Uma horda demoníaca. Sacos de feijão virados do avesso. Cem rosários desfeitos. São mil as metáforas e todas elas escassas: quarenta bombas por avião, quatrocentas e oitenta ao todo, trinta mil quilogramas de explosivos.

Uma avalanche desaba sobre a cidade. Um furacão. Chávenas de chá tombam de prateleiras. Quadros resvalam pelas paredes. Por mais um quarto de segundo, as sirenes são inaudíveis. Tudo é inaudível. O bramido torna-se sonoro o bastante para romper as membranas do ouvido médio.

Os canhões antiaéreos lançam os derradeiros projéteis. Doze bombardeiros invertem a trajetória e avançam, incólumes, pela noite azul.

No sexto piso do n.º 4 da Rue Vauborel, Marie-Laure rasteja para debaixo da cama e aperta a pedra e o modelo em escala da casa contra o peito.

Na cave por baixo do Hotel das Abelhas, a única lâmpada no teto apaga-se.

MUSÉUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE

Marie-Laure LeBlanc é uma menina alta e sardenta de seis anos que reside em Paris e cuja visão se encontra em avançado estado de deterioração quando, incitada pelo pai, participa numa visita guiada para crianças ao museu onde ele trabalha. O guia é um guarda de museu corcunda de idade avançada, ele próprio pouco mais alto do que uma criança. Dá uma pancada seca e breve no chão com a ponta da bengala para reclamar atenção, após o que conduz a sua dúzia de tutelados através dos jardins em direção às galerias.

As crianças veem técnicos de manutenção utilizarem roldanas para içar um fémur de dinossauro fossilizado. Veem uma girafa empalhada num expositor, porções de pele a soltarem-se do dorso. Espreitam gavetas de taxidermia repletas de penas e garras e olhos de vidro; folheiam herbários de duzentos anos adornados com orquídeas e margaridas e ervas.

A dada altura, sobem dezasseis degraus que desembocam na Galeria de Mineralogia. O guia mostra-lhes ágatas do Brasil e ametistas e um meteorito num pedestal que afirma ser tão antigo quanto o próprio sistema solar. Em seguida, condu-los em fila indiana por duas escadarias espiraladas abaixo e ao longo de vários corredores e detém o passo em frente a uma porta de ferro apenas com um buraco de fechadura. — A visita chegou ao fim — anuncia.

Uma rapariga pergunta: — Mas o que há do outro lado dessa porta?

— Atrás desta porta há uma outra porta trancada, ligeiramente mais pequena.

— E depois dessa?

— Uma terceira porta trancada, ainda mais pequena.

— E a seguir a essa?

— Uma quarta porta, e uma quinta, e por aí adiante, até se chegar à décima terceira, uma pequeníssima porta trancada, aproximadamente do tamanho de um sapato.

As crianças inclinam-se para a frente. — E a seguir?

— Atrás da décima terceira porta — o guia produz um gesto floreado com uma das mãos inverosimilmente enrugadas — está o Mar de Chamas.

Perplexidade. Excitação.

— Ora, não me digam que nunca ouviram falar do Mar de Chamas?

As crianças abanam as cabeças. Marie-Laure observa com os olhos semicerrados as lâmpadas despidas penduradas ao longo do teto a intervalos de três metros; o que vê em cada uma delas é um halo com as cores do arco-íris em movimento giratório.

O guia pendura a bengala no pulso e esfrega as mãos. — É uma longa história. Querem ouvir uma longa história?

Assentem com a cabeça.

Aclara a garganta. — Há vários séculos, num lugar a que agora damos o nome de Bornéu, um príncipe apanhou uma pedra azul do leito seco de um rio porque a achou bonita. Mas, no caminho de regresso ao palácio, o príncipe foi atacado por homens a cavalo e apunhalado no coração.

— Apunhalado no coração?

— Isso é mesmo verdade?

Um rapaz diz: — Chiu.

— Os ladrões roubaram-lhe os anéis, o cavalo, tudo. Mas, como tinha a pedrinha azul guardada numa mão fechada, não a descobriram. E o príncipe moribundo conseguiu rastejar até casa. Depois permaneceu inconsciente durante dez dias. Ao décimo dia, para espanto das enfermeiras que dele cuidavam, soergueu-se, sentou-se, abriu a mão, e ali estava a pedra.

»Os médicos do sultão disseram que era um milagre, que o príncipe jamais teria como sobreviver a um ferimento tão violento. As enfermeiras disseram que a pedra devia ter poderes curativos. Os joalheiros do sultão disseram algo mais: disseram que a pedra era o maior diamante em bruto alguma vez visto. O mais dotado dos lapidadores passou oitenta dias a lapidá-la e, quando terminou o trabalho, a pedra era de um azul reluzente, o azul dos mares tropicais, mas tinha um toque de vermelho no centro, como chamas dentro de uma gota de água. O sultão ordenou que incrustassem o diamante numa coroa para o príncipe, e dizia-se que, quando o jovem príncipe se sentava no seu trono e era atingido pelo sol, se tornava de tal modo resplandecente que os visitantes não conseguiam distinguir a sua figura da própria luz.

— Isso que está a dizer é mesmo verdade? — pergunta uma rapariga.

— Chiu — diz o rapaz.

— A pedra passou a ser conhecida como o Mar de Chamas. Havia quem acreditasse que o príncipe era uma divindade e que seria imortal enquanto preservasse a pedra em seu poder. Mas algo estranho começou a acontecer: à medida que o tempo foi passando, a sua sorte piorou. No espaço de um mês, perdeu um irmão por afogamento e um segundo pelo veneno de uma cobra. Passados seis meses, o pai morreu de doença. E, como se isso não bastasse, os batedores do sultão anunciaram que um grande exército se concentrava a leste.

»O príncipe convocou os conselheiros do pai. Todos disseram que devia preparar-se para a guerra; todos menos um, um sacerdote, que afirmou ter tido um sonho. Nele, a deusa da Terra disse-lhe que havia criado o Mar de Chamas como presente para o seu amado, o deus do mar, e que lhe enviara a joia através do rio. Mas quando o rio secou, e o príncipe a pegou do leito, a deusa enfureceu-se. Amaldiçoou a pedra e quem a tivesse na sua posse.

Todas as crianças inclinam os corpos para a frente; Marie-Laure também.

— A maldição consistia no seguinte: o detentor da pedra teria a garantia da vida eterna, mas, enquanto a conservasse em seu poder, infortúnios abater-se-iam sobre todas as pessoas que amasse, uma atrás da outra, numa interminável chuva de desgraças.

— Vida eterna?

— Mas se o detentor lançasse o diamante ao mar, entregando-o, assim, ao seu verdadeiro destinatário, a deusa anularia a maldição. De maneira que o príncipe, agora sultão, meditou durante três dias e três noites e por fim decidiu manter a pedra consigo. Tinha-lhe salvado a vida; acreditava que fazia dele um ser indestrutível. Deu ordens para que cortassem a língua ao sacerdote.

— Ui — diz o rapaz mais novo.

— Péssima ideia — diz a rapariga mais alta.

— Os invasores apareceram — prossegue o guarda — e destruíram o palácio, e mataram todos quantos se lhe cruzaram no caminho, e o príncipe nunca mais foi visto, e durante duzentos anos nunca mais ninguém ouviu falar no Mar de Chamas. Havia quem dissesse que a pedra tinha sido cortada em muitas pedras mais pequenas; outros diziam que o príncipe ainda conservava a pedra consigo, que estava no Japão ou na Pérsia, que era um agricultor humilde, que parecia nunca envelhecer.

»E portanto a pedra caiu no esquecimento. Até um dia, quando um negociante de diamantes francês, durante uma viagem às minas de Golconda, na Índia, se interessou por um enorme diamante em forma de

pera que lhe mostraram. Cento e trinta e três quilates. Uma claridade a raiar a perfeição. Tão grande quanto um ovo de pomba, escreveu ele, e tão azul quanto o mar, mas com uma cintilação vermelha no núcleo. Fez uma réplica da pedra num molde e enviou-a a um duque da Lorena apaixonado por gemas, advertindo-o para os rumores de uma maldição. Mas o duque queria a todo o custo ficar na posse do diamante. De modo que o negociante o trouxe para a Europa e o duque o incrustou no punho de uma bengala que passou a levar consigo para todo o lado.

— Ui-ui.

— Um mês depois, a duquesa contraiu uma doença na garganta. Dois dos seus serventes prediletos caíram do telhado e partiram o pescoço. A seguir, o único filho do duque morreu num acidente a cavalo. Apesar de todos dizerem que o duque parecia melhor do que nunca, começou a recear sair de casa, a ter medo de receber visitas. Com o passar do tempo, ficou de tal maneira convencido de que o seu diamante era o amaldiçoado Mar de Chamas que solicitou ao rei que o guardasse no seu museu sob a condição de ficar trancado num cofre-forte construído especialmente para o efeito, advertindo que o cofre-forte não deveria ser aberto durante duzentos anos.

— E?

— E passaram-se cento e noventa e seis anos.

Todas as crianças permanecem em silêncio por um momento. Várias fazem contas com os dedos. Em seguida erguem as mãos como se fossem uma só. — Podemos vê-lo?

— Não.

— Nem sequer abrir a primeira porta?

— Não.

— *Você viu-o?*

— Não, não vi.

— Nesse caso, como é que sabe que está ali?

— Há que acreditar na história.

— Quanto dinheiro vale, *monsieur?* Dava para comprar a Torre Eiffel?

— Um diamante tão grande e raro serviria, muito provavelmente, para comprar cinco Torres Eiffel.

Arquejos de estupefação.

— Essas portas todas são para impedir a entrada de ladrões?

— Talvez — diz o guia, piscando o olho — estejam ali para impedir a saída da maldição.

As crianças põem-se mudas. Duas ou três recuam um passo.

Marie-Laure tira os óculos e o mundo perde as formas. — Porque não pegar simplesmente no diamante e atirá-lo ao mar? — inquire.

O guarda olha-a. As outras crianças olham-na. — Quando foi a última vez — diz um dos rapazes mais velhos — que viste alguém atirar cinco Torres Eiffel ao mar?

Despertam-se risadas. Marie-Laure carrega o cenho. Não é mais do que uma porta de ferro com um buraco de fechadura em latão.

A visita termina e as crianças dispersam e Marie-Laure é encaminhada para a Grande Galeria, para junto do pai. Ele endireita-lhe os óculos no nariz e tira-lhe uma folha do cabelo. — Divertiste-te, *ma chérie*?

Um pequeno pardal-doméstico castanho desce das traves em voo rápido e aterra no mosaico em frente a ela. Marie-Laure estende-lhe a palma aberta. O pardal enviesa a cabeça, como que a ponderar, após o que se afasta batendo as asas.

Um mês depois, Marie-Laure está cega.